

Os anos Rebeldes

QUAIS as grandes crises do governo Geisel?

O governo do general Geisel foi um governo de contrastes. Extremamente personalista, mas ao mesmo tempo de enorme discrição, o general-presidente aumentou a dívida externa ao tentar investir em projetos de base que pudessem diminuir nosso endividamento internacional (energia nuclear, com as usinas de Angra; energia hidrelétrica, com as usinas de Itaipu e Tucuruí; o programa do Pro-Álcool, como alternativa ao uso do petróleo). Ao mesmo tempo em que preparava, com o general Golbery, o delicado processo de abertura política que viria a se concretizar na gestão de João Figueiredo, Geisel desferia pesados golpes na oposição, através de medidas que praticamente inviabilizavam seu acesso ao poder, como foi o caso do chamado "Pacote de Abril", uma série de medidas promulgadas por ele em abril de 1977, imediatamente após fechar o Congresso. Entre estas medidas, o governo criava a figura do "senador biônico": um entre cada três senadores seria eleito através de voto indireto, pelas Assembleias Legislativas de seus Estados; e as bancadas estaduais da Câmara ficavam com limites mínimo e máximo de representantes, o que na prática reduzia a representação e o poder político dos estados mais desenvolvidos.

Em 1976, governando com mão de ferro, Geisel agiu com presteza e severidade no caso das mortes ocorridas em prisões militares, demitindo o general Ednardo d'Ávila Mello do comando do II Exército. As mortes do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manuel Fiel Filho tiveram ampla repercussão no país inteiro, apesar da forte censura exercida à imprensa. Enquanto era pressionado pela oposição, pela Igreja, pelos sindicatos e pelos



intelectuais, Geisel enfrentava fogo cerrado em outra frente de combate, a dos militares radicais. Em outubro de 1977 ele destituiu o ministro do Exército, general Sylvio Frota, que começava a fazer articulações para eleger-se presidente e impor um governo de acordo com os setores chamados de "linha dura" das Forças Armadas. A partir de então, conseguiu manter a estabilidade de seu governo e preparar o caminho para seu sucessor, o general João Baptista de Figueiredo.

O QUE foi o caso Riocentro?

Em 1º de maio de 1981, uma bomba explodiu no interior de um Puma parado no estacionamento do Riocentro, no Rio de Janeiro, onde estava se realizando um show musical em comemoração ao Dia do Trabalhador, patrocinado por várias entidades de oposição. Um sargento do exército morreu no local e um capitão ficou gravemente ferido. As circunstâncias do acidente, e a concatenação dos fatos que o cercavam, pareciam indicar que os militares estavam manuseando algum artefato explosivo e que este teria explodido acidentalmente.

O presidente João Figueiredo determinou a abertura de um inquérito que, meses depois, chegou a uma conclusão totalmente oposta: os militares teriam sido alvo de uma bomba detonada por terroristas de esquerda. A versão anunciada ao fim do inquérito não parecia corresponder aos fatos. O governo passou a ser acusado de acobertar grupos de extrema direita, cujo interesse era acirrar a luta armada no país e evitar a abertura democrática que estava sendo preparada. O general Golbery do Couto e Silva, um dos articuladores da abertura, afastou-se do governo numa atitude interpretada como de protesto. Em 1999, novas evidências encontradas forçaram a reabertura do caso, e o capitão Wilson Machado, sobrevivente do atentado, foi indiciado como suspeito.

POR QUE Tancredo Neves não governou?

Aos 75 anos de idade, Tancredo Neves não teria sido um dos candidatos mais idosos a ocupar uma presidência da República. Além do mais, tinha uma vida saudável, não bebia, não fumava. Quando foi eleito presidente pelo Colégio Eleitoral, ninguém duvidava de que ele pudesse levar até o fim o mandato de



Um tiro pela culatra. Em 1981, durante um show de música no Rio de Janeiro em comemoração ao Dia do Trabalhador, uma bomba explodiu dentro de um Puma no meio de um espetáculo musical, matando o seu dono e ferindo um capitão do exército ao seu lado. As circunstâncias parecem indicar que a bomba foi detonada acidentalmente pelo próprio artista.

quatro anos a que teria direito. Foi com espanto que, na véspera da posse, o Brasil inteiro ficou sabendo que o presidente tinha sido internado para uma cirurgia de emergência. Para quem estava emergindo de duas décadas de golpes militares na calada da noite, conspirações palacianas, "viradas de mesa" no jogo político e Atos Institucionais para resolver crises de conjuntura, parecia que todo o processo de abertura democrática

iria por água abaixo.

Na verdade, o presidente vinha ocultando há tempos os seus problemas de saúde, por medo de não chegar a ser empossado. As complicações resultantes da primeira cirurgia, agravadas por uma infecção hospitalar, foram consumindo suas forças e ele morreu no hospital depois de cinco semanas de agonia. Os militares, contudo, não intervieram no processo sucessório. Em vez de Tancredo, assumiu o governo seu vice, José Sarney (ex-presidente do PDS), e que nos anos anteriores tinha sido um político alinhado com o governo militar.

O QUE levou José Sarney à presidência?

Político veterano do Maranhão, José Sarney foi, durante o governo João Figueiredo, o presidente do PDS, o partido governista. Ao se preparar a eleição presidencial de 1985 pelo Colégio Eleitoral, as forças da oposição e as do governo começaram a "peneirar" os possíveis candidatos. Quando a escolha do PDS governista recaiu sobre Paulo Maluf, um político controvertido e questionado em muitos setores do próprio governo, desencadeou-se uma crise interna que levou José Sarney, num rompante de irritação, a renunciar à presidência do PDS e romper com o partido, por discordar da indicação do candidato. O fato ocorreu no meio de um movimento mais amplo de ruptura de políticos conservadores com o PDS e com o próprio governo, criando um grupo que passou a se aproximar das oposições, a chamada "Frente Liberal", mais tarde transformada em Partido da Frente Liberal (PFL). Integravam esse grupo políticos como os ex-governadores Aureliano Chaves, Marco Maciel e Jorge Bornhausen.

Ao se juntar a este grupo, Sarney acabou sendo indicado para compor como vice a chapa de Tancredo Neves, representando a Frente Liberal. A fatalidade que impediu a posse deste fez com que a presidência tão longamente



perseguida pelas oposições brasileiras acabasse sendo ocupada, em seu nome, por um político que, há pouquíssimo tempo, tinha sido o presidente do partido governista.

POR QUE Fernando Collor perdeu o cargo?

A eleição de Fernando Collor de Melo coroou uma das mais rápidas carreiras políticas de um presidente brasileiro. Político jovem, revelado nacionalmente através de um estado pequeno (Alagoas), Collor candidatou-se por um partido minúsculo (o PRN, Partido da Renovação Nacional) e obteve uma votação consagradora. Collor tinha a peculiaridade de não pertencer a nenhum dos grupos tradicionais da política brasileira. Mesmo sendo representante de uma oligarquia regional (seu pai, Arnon de Mello, tinha sido senador da República), ele surgiu na campanha presidencial de 1989 como um franco-atirador.

Manipulando com habilidade as estratégias de marketing político, ele foi subestimado de início, tanto entre os prováveis aliados quanto entre os possíveis adversários, mas "correu por fora" e acabou pegando de surpresa, na fase decisiva da campanha, adversários com mais experiência e prestígio. Para isto, foram decisivas as suas estudadas aparições no horário político gratuito, em programas de partidos sem expressão eleitoral: em maio de 1988 e março de 1989 pelo Partido da Juventude (PJ), e duas vezes em abril de 1989, nos programas do PTR e do PSC. Em junho, Collor já era conhecido por 77,3% da população, e era o candidato preferido de 35%. A partir daí grandes grupos econômicos e de comunicação identificaram nele o candidato ideal dos setores conservadores e passaram a apoiá-lo ostensivamente.

Depois da posse, trabalharam para a queda de Collor, diante da opinião pública, numerosas medidas impopulares que tomou, especialmente nas áreas administrativa e econômica. Diante dos políticos, trabalhou contra ele o modo "imperial" com que pretendeu governar, de cima para baixo, bloqueando e centralizando o tradicional mercado de solidariedades, favores, barganhas e recompensas que sempre foram moeda de troca na vida republicana. Quando estouraram por todos os lados as provas das irregularidades que cometera, Collor se queixou de que havia uma conspiração montada contra ele. Pressionado pelo Congresso, pela imprensa e pela sociedade, Collor renunciou à presidência em 29 de dezembro de 1992, sendo substituído no cargo pelo vice-presidente Itamar Franco, que governou até dezembro de 1994. Itamar Franco foi sucedido por Fernando Henrique Cardoso, da coligação PSDB-PFL, que derrotou o candidato do Partido dos Trabalhadores Luís Inácio Lula da Silva em duas eleições seguidas, em 1994 e 1998, sendo o primeiro presidente da História republicana a se reeleger para o cargo